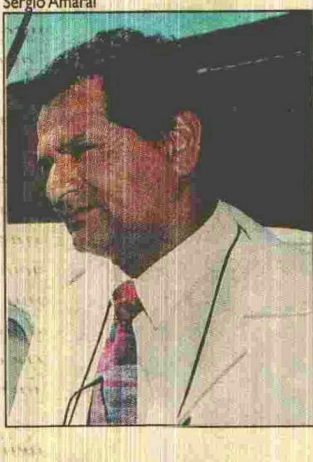




**“APRENDI A
VALORIZAR A
VIDA, A
RESPEITAR AS
PESSOAS E A
EVITAR
CONFUSÃO.
CORRO DE
BRIGA”**

LUIZ CARLOS COSTA

agente funerário

A morte todos os dias

A guerra entre gangues mete medo até em quem está acostumado a lidar com a morte. Agente funerário há 20 anos, Luiz Carlos Costa, 48, transporta, em média, duas vítimas de balas por dia. Já chegou a trabalhar em cinco velórios de baleados em menos de 24 horas. Todos conterrâneos da Ceilândia. “Faço um serviço difícil. Lamentável, principalmente pela pouca idade desses garotos”, diz o homem de fala mansa, pai de 13 filhos, morador QNM 17.

No horário do almoço, Luiz Costa estava na porta da casa de Ricardo Santos Nascimento, 18, executado com dois tiros pelas costas na noite de quinta-feira. Era a segunda pessoa baleada naquele dia que seria levada ao cemitério no carro dirigido por Luiz. O rapaz, que deixara o Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje) há dois meses, onde cumpriu pena de dois anos por homicídio, deve ter sido morto por integrantes de uma gangue do Setor O.

Para o agente funerário, não há outra razão para a morte de jovens como Ricardo Nascimento, a não ser a droga. “Onde há droga, há concorrência. E onde há concorrentes desleais existe a morte”, pondera Luiz.

Deste triste retrato da vida, com repetitivas cenas de violência explícita, Luiz ainda tirou algumas lições. “Aprendi a valorizar a vida, a respeitar as pessoas e a evitar confusão. Corro de briga”, conclui o homem, antes de partir na Caravan branca para mais uma chamada, provavelmente “mais uma morte de bala”, como prevê. (RA)